

# A Família, escola de humanidade e humanização

**Subsídios para reflexão e formação**

**A força da família em tempos de crise**

Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa (11/04/2013)

**A família anima a sociedade**

4ª catequese preparatória do VII Encontro Mundial das Famílias, Milão, 2012

**O Senhor está próximo dos que têm o coração ferido**

Carta do Cardeal Dionísio Tettamanzi, arcebispo de Milão, aos casais em situação de separação, divórcio e nova união (2008)



Diocese

**Leiria-Fátima**



**Diocese de Leiria-Fátima**

**A FAMÍLIA,  
ESCOLA DE HUMANIDADE  
E HUMANIZAÇÃO**

**Subsídios para reflexão e formação**

Leiria, 5 de outubro de 2014



# Nota de apresentação

## **A BELA E ÁRDUA MISSÃO DA FAMÍLIA, HOJE**

A nossa diocese de Leiria-Fátima dedica um biénio à pastoral familiar perante os novos desafios e na perspectiva da evangelização. Propusemo-nos dois grandes objetivos: redescobrir e reconhecer como e quanto é bom, belo e feliz formar uma família segundo o desígnio de Deus; e como e quanto isto é precioso e indispensável para a vida das pessoas, da sociedade e da Igreja e para o futuro da humanidade.

A nossa reflexão crente não pode limitar-se simplesmente a constatar a crise que hoje atinge a família, a analisar os dados e, pior ainda, a ficar parada junto ao muro das lamentações. A primeira urgência é sobretudo o reconhecimento e o anúncio de que o Evangelho tem algo de importante e belo a dizer hoje para a família (o Evangelho da família) e também de que a instituição familiar é Evangelho, boa notícia para o mundo contemporâneo enquanto realidade originária de amor como criatura de Deus-Amor. É pois necessário que a comunidade cristã faça ressaltar a beleza e a dignidade da família no contexto da vocação ao amor que toma uma forma específica no matrimónio do qual surge a família. A esta finalidade dedicamos o primeiro ano do biénio pastoral sob o lema “Amor conjugal: dom e vocação”.

Este ano pastoral vamos voltar-nos para a missão da família na sociedade e na Igreja sob o lema: “A Família: dom e missão”. Perante a tentação atual de reduzir a família a lugar de afetos privados, é necessário sublinhar a sua missão e a responsabilidade públicas, a nível social e eclesial. Para apreciar verdadeiramente a realidade familiar devemos reconhecê-la como comunidade originária, isto é, o primeiro lugar em que a sociedade surge, se desenvolve e se regenera continuamente.

Da família provém o capital humano, espiritual e social básico, primário, de uma sociedade. Este capital é gerado pelas virtudes únicas e insubstituíveis da família. Converte-se no fator decisivo do bem

estar material e espiritual das pessoas que contribuem para o funcionamento positivo da sociedade e a tornem feliz.

Neste sentido, a família está chamada a tornar-se “alma do mundo” realizando a sua missão como primeira escola de humanidade e humanização precisamente enquanto primeira escola de afetos; como comunidade e escola de fé, lugar privilegiado da primeira iniciação à fé; como berço da vida e escola de virtudes sociais, de cidadania responsável. Para realizarem esta tão bela e árdua missão, as famílias precisam naturalmente do apoio humano e espiritual por parte da sociedade e da Igreja: de políticas sociais amigas da família, de uma pastoral de acolhimento e acompanhamento, de animação e misericórdia.

Estes aspetos sobre a missão da família já foram apresentados na carta pastoral que escrevi no ano passado “A beleza e a alegria de viver em Família”. *Neste opúsculo, oferecemos três contributos muito interessantes e pertinentes que podem ajudar as comunidades, os departamentos e serviços diocesanos, os agentes pastorais a dinamizar e concretizar mais as atividades do percurso pastoral já programado.*

O primeiro contributo é uma Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, “A força da família em tempos de crise” (11/04/2013). Ajuda a descobrir o precioso e insubstituível “bem social” da família e é um apelo a que esta “seja reconhecida e apoiada na missão social que só ela pode desempenhar”. Um país que quer um futuro, tem necessidade de famílias sólidas e com filhos.

Segue-se o texto duma catequese preparatória do VII Encontro Mundial das Famílias, em Milão 2012, intitulada “A família anima a sociedade”. Trata o tema em termos catequéticos para ajudar a interioriza-lo e a vivê-lo no quotidiano.

Por fim, acrescentamos uma carta do então arcebispo de Milão, em 2008, Cardeal Dionísio Tettamanzi dirigida aos casais em situação de separação, divórcio e nova união, intitulada “O Senhor está próximo dos que têm o coração ferido”. É um texto bem expressivo da “medicina de misericórdia” de Deus e da respectiva pastoral da

Igreja em relação a estas situações difíceis. Pretende iluminar as comunidades cristãs na pastoral do acolhimento e ajudar a curar as feridas das pessoas que foram atingidas por situações de rotura, ajudá-las a caminhar na fé e a integrá-las na vida da comunidade cristã dentro das possibilidades e dos limites da nova situação. “A medicina da misericórdia não se destina a favorecer os naufrágios, mas sempre e só a salvar a barca no mar tempestuoso e dar aos náufragos o acolhimento, o cuidado e o apoio necessários” (Bruno Forte).

A família pode ser o ponto de partida de uma sociedade, de uma Igreja e de um mundo renovados. Merece e espera todo o nosso empenho, a nossa confiança e a nossa oração!

† António Marto, Bispo de Leiria-Fátima





# A FORÇA DA FAMÍLIA EM TEMPOS DE CRISE

Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa

## **A família, um bem social**

1. Consideramos da maior oportunidade, no atual contexto da sociedade portuguesa, atravessada por uma crise social e económica de particular gravidade, que se traduz para muitos em desalento e falta de perspetivas de futuro, colocar em relevo o bem insubstituível que representa a instituição familiar, «origem e património da humanidade» (Bento XVI).

A família representa um bem público, um bem social. Podemos encará-la na perspetiva do seu relevo privado, como um bem para a realização pessoal, no plano afetivo, espiritual ou outros, de cada um dos seus membros. Mas devemos também encará-la na perspetiva do seu relevo social, do bem que representa para a sociedade no seu todo. Podemos caracterizá-la como a fonte básica do capital humano, social e espiritual de uma sociedade, a que assegura o seu futuro e o seu crescimento harmonioso. A saúde e coesão de uma sociedade dependem, por isso, da saúde e coesão da família.

Só a família concebida a partir do compromisso definitivo entre um homem e uma mulher pode desempenhar esta função social. As alterações legislativas que, entre nós como noutros países, vêm redefinindo o casamento de forma a nele incluir uniões de pessoas do mesmo sexo, esquecem esta verdade fundamental.

A família é a primeira e mais básica das instituições sociais, antes de mais porque assegura a renovação das gerações, sendo a primeira função de qualquer comunidade a de assegurar a sua própria sobrevivência e renovação. E cumpre essa função porque representa o contexto mais adequado e harmonioso para a educação das novas gerações.

A família é o santuário da vida e do amor, lugar da manifestação de «uma grande ternura, que não é a virtude dos fracos, antes pelo contrário denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, de amor. Não devemos ter medo da bondade, da ternura» (Papa Francisco).

## Razões da insubstituível importância da família

2. Na família respeita-se a dignidade da pessoa humana, esta é encarada como ser único e irrepetível. Nela não há lugar para o anonimato. Nela a pessoa é acolhida e amada pelo que *é*, não pelo que *faz* ou pelo que *produz*. Por isso, o contexto familiar é aquele em que os mais vulneráveis, incluindo os doentes e portadores de deficiência, não deixam de ser valorizados.

A família é a primeira e mais básica escola de sociabilidade. Nela se aprende a convivência com o *outro* e o *diferente*; o homem é diferente da mulher, os irmãos nunca são iguais, e os filhos nunca são o reflexo da imagem dos pais.

Na família a solidariedade não é imposta, é espontânea e calorosa. Ela é o campo privilegiado da gratuidade, do dom desinteressado, onde espontaneamente se dá sem esperar nada em troca e com a maior das alegrias.

Na família a autoridade é exercida como serviço e por amor.

A renovação das gerações no seio da família também permite a mais harmoniosa aliança entre a tradição e a novidade. As gerações mais velhas transmitem às gerações mais novas, como a sua mais preciosa herança, aqueles valores perenes que não estão sujeitos à usura do tempo e não passam com as modas. As gerações mais novas representam a abertura ao novo, ao dinamismo e à criatividade, que tornam vivos esses valores perenes.

Num outro aspeto a família representa o contexto mais adequado e harmonioso para o crescimento e educação das novas gerações. A família nasce da unidade e complementaridade das dimensões

masculina e feminina, que cooperam, nessa unidade e complementaridade, para a integridade da educação humana.

O casamento, como união entre um homem e uma mulher, tem representado nas sociedades e culturas mais diversificadas um símbolo dessa riqueza que representa a dualidade sexual, da unidade dessa diversidade. A mensagem bíblica exprime-o com as palavras do *Gênesis*: «*Deus os criou homem e mulher ... e viu que a sua obra era muita boa...*». Esta riqueza da dualidade sexual, da unidade e complementaridade dos dois sexos, está presente na família e, por seu intermédio, deve penetrar em toda a sociedade. Todos os âmbitos da vida social ganham com o contributo simultâneo, diversificado e harmónico das especificidades masculina e feminina, que são complexas, não são rígidas e uniformes, mas são uma insubstituível riqueza.

## **A família e a crise económica e social**

3. A crise económica e social que o nosso país atravessa vem evidenciando, precisamente, a riqueza que representa a família. Tem sido a solidariedade familiar, que se traduz em solidariedade entre gerações, em muitos casos, o primeiro e mais seguro apoio de quem se vê a braços com o desemprego, ou a queda abrupta de rendimentos, com a consequente incapacidade de fazer face a compromissos assumidos que se destinam à satisfação de necessidades familiares essenciais, como a da habitação.

Mas esse apoio não é suficiente. A crise também evidencia que a comunhão e solidariedade que se vivem no seio da família não pode limitar-se ao seu âmbito interno. A família não pode fechar-se sobre si. Esse espírito de comunhão e solidariedade deve partir da família e alargar-se à sociedade inteira. Deve traduzir-se na entreatajuda entre várias famílias. As experiências de muitas comunidades cristãs são já disso testemunho, mas não é demais salientar a necessidade de se multiplicarem essas experiências de partilha entre famílias.

Na raiz da crise que atravessamos estão fracassos de um modelo económico assente na maximização do lucro e do consumo. Afirma

Bento XVI na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano (n. 5): «O modelo que prevaleceu nas últimas décadas apostava na busca da maximização do lucro e do consumo, numa ótica individualista e egoísta que pretendia avaliar as pessoas apenas pela sua capacidade de dar resposta às exigências da competitividade. Olhando de outra perspetiva, porém, o sucesso verdadeiro e duradouro pode ser obtido com a dádiva de si mesmo, dos seus dotes intelectuais, da própria capacidade de iniciativa, já que o desenvolvimento económico suportável, isto é, autenticamente humano tem necessidade do princípio da gratuidade como expressão de fraternidade e da lógica do dom».

A gratuidade típica das relações familiares deve servir de modelo para este novo paradigma de desenvolvimento económico.

## **A família e a abertura à vida**

4. Talvez o mais eloquente sinal de que a crise da instituição familiar se traduz em malefícios sociais seja o da crise demográfica, que muitos consideram o mais grave dos problemas sociais das sociedades europeias, numa perspetiva do seu futuro mais ou menos próximo. As últimas estatísticas apontam Portugal como um dos países com mais baixa taxa de natalidade em todo o mundo.

A família abre-se, por desígnio natural, à vida.

Poderá parecer irrealista salientar a importância desta abertura à vida no atual contexto social, em que o desemprego e a precariedade laboral atingem de modo particular os jovens. Este facto deve levar-nos a não nos resignarmos com esta situação, como se ela fosse inevitável, como se a economia não devesse estar ao serviço da pessoa humana, e fosse a pessoa humana a dever sujeitar-se às exigências da economia. Salienta Bento XVI na encíclica *Caritas in veritate* (n. 25), a propósito da instabilidade laboral, que quando «se torna endémica a incerteza sobre as condições de trabalho, resultante dos processos de mobilidade e desregulamentação, geram-se formas de instabilidade psicológica, com dificuldade a construir percursos coe-

rentes na própria vida, incluindo o percurso rumo ao matrimónio».

Mas, por outro lado, a crise que atravessamos também é reflexo da crise demográfica. Numa sociedade em envelhecimento, as despesas públicas serão cada vez maiores em pensões, saúde, etc., e as receitas cada vez menores. Assim, o financiamento do Estado há de ser cada vez mais problemático.

É claro o bem que representa hoje a maior longevidade, o facto de os idosos viverem mais tempo do que noutras épocas. O que é problemático não é isso; não há idosos “a mais”, porque estes são sempre uma riqueza, e nunca um peso. O que é problemático e causa desequilíbrios é que não nasçam crianças.

Afirma ainda Bento XVI na encíclica *Caritas in veritate* (n. 44): «A abertura moralmente responsável à vida é uma riqueza social e económica. (...) A diminuição dos nascimentos, situando-se por vezes abaixo do chamado “índice de substituição”, põe em crise também os sistemas de assistência social, aumenta os seus custos, contrai a acumulação de poupanças e, conseqüentemente, os recursos financeiros necessários para os investimentos, reduz a disponibilização de trabalhadores qualificados, restringe a reserva aonde ir buscar os “cérebros” para as necessidades da nação. Além disso, as famílias de pequena e, às vezes, pequeníssima dimensão correm o risco de empobrecer as relações sociais e de não garantir formas eficazes de solidariedade. São situações que apresentam sintomas de escassa confiança no futuro e de cansaço moral. Deste modo, torna-se uma necessidade social, e mesmo económica, continuar a propor às novas gerações a beleza da família e do matrimónio, a correspondência de tais instituições às exigências mais profundas do coração e da dignidade da pessoa. Nesta perspectiva, os Estados são chamados a instaurar políticas que promovam a centralidade e a integridade da família, fundada no matrimónio entre um homem e uma mulher, célula primeira e vital da sociedade, preocupando-se também com os seus problemas económicos e fiscais, no respeito da sua natureza relacional».

Ajudam a combater a crise da natalidade medidas fiscais, que promovam o emprego juvenil, ou que facilitem a conciliação entre o

trabalho e a vida familiar. Mas o contributo decisivo para vencer a crise demográfica situa-se no plano da cultura e da mentalidade. Há que superar o “cansaço moral” e a “falta de confiança no futuro” a que alude a encíclica *Caritas in veritate*. Saber que a vida é sempre um dom que compensa todos os sacrifícios – só com esta consciência pode ser vencida a crise da natalidade.

Qualquer mensagem de desvalorização da vida humana acarreta consequências negativas a este respeito. Uma delas – sem dúvida a mais grave – é o aborto e sua banalização a que vimos assistindo entre nós com a cobertura da lei vigente. Afirma, ainda, sobre esta questão, a *Caritas in veritate* (n. 28): «Quando uma sociedade começa a negar e a suprimir a vida, acaba por deixar de encontrar as motivações e energias necessárias para trabalhar ao serviço do verdadeiro bem do homem. Se se perde a sensibilidade pessoal e social ao acolhimento duma nova vida, definham também outras formas de acolhimento úteis à vida social. O acolhimento da vida revigora as energias morais e torna-nos capazes de ajuda recíproca».

## A família, um projeto duradouro

5. Para vencer a crise demográfica, como em relação a muitos outros aspetos relativos à sua função social, há que acreditar na família como um projeto duradouro, assente num compromisso de doação total e não na volatilidade dos sentimentos. Só nesse contexto é razoável a decisão de ter filhos. Se a saúde e coesão da sociedade dependem da saúde e coesão da família, esta está estritamente ligada à sua estabilidade.

Vai-se generalizando, porém, a opção por formas de convivência marital precária, que recusam esse compromisso; tal como é cada vez mais frequente o recurso ao divórcio, o que a legislação vigente também não deixa de facilitar em extremo.

Salienta, a este respeito, a exortação apostólica *Familiaris consortio* (n. 11), de João Paulo II, que «a sexualidade diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana» e se realiza «de maneira verdadei-

ramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte». A doação física total é verdadeira só na medida em que envolve toda a pessoa, também na sua dimensão temporal, com a comunhão de projetos para o futuro: «se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não se doaria totalmente». Esta totalidade corresponde também às exigências de uma fecundidade responsável, a qual supõe o contributo contínuo do pai e da mãe para o crescimento harmonioso dos filhos.

Por isso, ainda segundo essa exortação apostólica (n. 11), «o “lugar” único, que torna possível esta doação segundo a sua verdade total, é o matrimónio». Este «não é uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, nem a imposição extrínseca de uma forma, mas uma exigência interior do pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade ao desígnio de Deus Criador». Esta fidelidade não mortifica a liberdade da pessoa, «põe-na em segurança em relação ao subjetivismo e relativismo, fá-la participante da Sabedoria Criadora».

A esta luz, não é demais lembrar a responsabilidade que representa a preparação, mais remota e mais próxima, para o casamento. Uma preparação que envolve as famílias, as instâncias educativas e a Igreja.

Importa, ainda, salientar como, também neste aspeto, deve evitar-se que cada família se veja sozinha a enfrentar dificuldades que possam conduzir à rutura. A experiência de um casal que soube superar as suas dificuldades de relacionamento pode servir de ajuda para outros que se confrontam com essas dificuldades. Experiências de entreaajuda entre famílias neste campo também devem multiplicar-se no âmbito das comunidades cristãs.

E se é verdade que a Igreja nunca deixará de proclamar a indissolubilidade do casamento, antes de mais perante quem se prepara para o contrair, tal não pode significar insensibilidade ou indiferença perante o sofrimento de quem experimentou um fracasso matrimonial, independente de qualquer juízo de culpa, que até pode nem

existir. A Igreja acolhe e acompanha com solicitude essas pessoas.

Olhamos com simpatia e apreço os movimentos e instituições que se preocupam e dedicam à família, encarnando o amor de Deus e manifestando-lhe o rosto amável da Igreja.

## **A sociedade à imagem da família**

6. Muitas vezes a família é encarada como um refúgio que protege de um ambiente hostil da sociedade que nos rodeia, um oásis de harmonia no meio do deserto, um espaço de humanização no meio de um mundo desumanizado. E é assim de facto. Mas também podemos encarar a família de outra perspectiva: como a fonte e o fermento de onde parte a renovação da sociedade. É assim através dos filhos, que se devem proteger das más influências da sociedade, mas que também a esta podem dar muito do que recebem na família.

Os valores que se vivem na família – a pessoa amada e acolhida como ser único e irrepetível, o amor gratuito, a solidariedade espontânea, a autoridade como serviço, o valor do doente e do idoso, a aliança da tradição e da inovação, a unidade e complementaridade das dimensões masculina e feminina, a fidelidade e o compromisso – devem estender-se, por seu intermédio, a toda a sociedade: às empresas, aos serviços públicos, às escolas e hospitais, às comunidades eclesiais, às associações. A família é o modelo, o *dever ser* de qualquer convivência humana.

Num contexto de crise económica e social, que para muitos se traduz em desalento e falta de perspectivas de futuro, é esta a mensagem que queremos transmitir, como antídoto a esse desalento e como ajuda à superação dessa crise: que a família seja reconhecida e apoiada na missão social que só ela pode desempenhar.

*Fátima, 11 de abril de 2013*



# A FAMÍLIA ANIMA A SOCIEDADE

Catequese preparatória do VII Encontro Mundial das Famílias,  
Milão, 2012

## **Leitura da palavra de Deus** Mt 5, 43-6, 4

### **Família, primeira escola dos afectos**

Por que motivo temos que educar os nossos filhos para a generosidade, o acolhimento, a gratidão, o serviço, a solidariedade, a paz e todas aquelas virtudes sociais, tão importantes para a qualidade humana da sua vida? Que vantagem obtêm eles de tudo isto? Talvez não haja um aumento de riqueza, de prestígio e de segurança. E no entanto, só se cultivarem estas virtudes os homens terão um futuro na terra. Elas crescem graças à perseverança daqueles que, como os pais, educam as novas gerações para o bem. A mensagem cristã encoraja-nos a algo maior, mais bonito, mais arriscado e mais promissor: *a humanidade da família*, graças àquela centelha divina nela presente, e que nem sequer o pecado eliminou, *pode renovar a sociedade em conformidade com o desígnio do seu Criador*. O amor divino impele-nos pelo caminho do amor do inimigo, da dedicação pelo desconhecido, da generosidade para além do que é devido. A família participa da generosidade superabundante do nosso Deus: por isso, pode olhar para mais longe e viver uma alegria maior, uma esperança mais vigorosa e uma coragem maior nas escolhas.

Muitas das palavras de Jesus citadas nos Evangelhos iluminam a vida familiar. De resto, a sua sabedoria a respeito da vida humana aumentou graças ao clima familiar em que transcorreu uma boa parte da sua existência: ali conheceu o diversificado mundo dos afectos, experimentou o acolhimento, a ternura, o perdão, a generosidade e a dedicação. Na sua família constatou que é melhor dar que

pretender, perdoar que vingar-se, oferecer que reter, dedicar-se sem poupar a própria vida. O anúncio do Reino por parte de Jesus nasce no contexto da sua experiência directa de família e abrange todos os relacionamentos, a começar precisamente pelas relações familiares, iluminando-as com uma nova luz e dilatando-as para além dos confins da lei antiga. Jesus convida a superar uma visão egoísta dos vínculos familiares e sociais, a ampliar os afectos para além do círculo limitado da própria família, a fim de que se tornem fermento de justiça para a vida social.

A família é a primeira escola dos afectos, o berço da vida humana, onde o mal pode ser enfrentado e superado. A família é um recurso precioso de bem para a sociedade. Ela constitui a semente da qual nascerão outras famílias, chamadas a melhorar o mundo. No entanto, pode acontecer que os laços familiares impeçam o desenvolvimento do papel social dos afectos. Isto acontece quando a família arrebatava para si energias e recursos, fechando-se na lógica da vantagem familiar, que não deixa qualquer herança para o futuro da sociedade.

Jesus quer libertar o casal e a família da tentação de se fecharem em si mesmos: «Se amais somente aqueles que vos amam... se saudais apenas os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário?».

Com palavras revolucionárias, Jesus recorda aos seus ouvintes a «antiga» semelhança com Deus, convidando-os a dedicar-se aos outros *segundo o estilo divino*, para além dos temores e dos receios, dos cálculos e das garantias de uma própria vantagem.

Causando admiração naqueles que O ouvem, Jesus ensina-nos como é possível ser filho à semelhança do Pai. Ele subtrai-nos do sono da resignação e do egoísmo e, vigorosamente, diz-nos que amar o inimigo e rezar por quantos nos perseguem estão ao nosso alcance, que podemos erradicar a violência do nosso coração perdoadando as ofensas, que a nossa generosidade pode superar a lógica económica do simples intercâmbio.

## Família, escola de virtudes sociais

Jesus exige este estilo de vida singular e assim revela que os homens estão destinados precisamente a estas alturas. Confia no ensinamento que as famílias, por desígnio de Deus, são capazes de oferecer no caminho do seu amor.

Na família educa-se a dizer «obrigado» e «por favor», a ser generoso e disponível, a emprestar as próprias coisas, a prestar atenção às necessidades e às emoções dos outros, a ter em consideração os cansaços e as dificuldades de quem está próximo. Nos pequenos gestos da vida quotidiana, o filho aprende a estabelecer um bom relacionamento com os outros e a viver na partilha. *Promover as virtudes pessoais é o primeiro passo para educar para as virtudes sociais.* Na família ensina-se aos mais pequeninos a emprestar os seus brinquedos, a ajudar os seus companheiros na escola, a pedir com gentileza, a não ofender quem é mais fraco, a ser generoso nos favores. Por isso, os adultos esforçam-se em dar exemplo de atenção, dedicação, generosidade e altruísmo. Assim a família torna-se o primeiro lugar onde se aprende o sentido mais verdadeiro da justiça, da solidariedade, da simplicidade, da honestidade, da veracidade e da rectidão, juntamente com uma grande paixão pela história do homem e da *polis*.

Os pais, como José e Maria, admiram-se ao ver os filhos enfrentar com segurança o mundo adulto. Às vezes, os filhos revelam que podem ser mestres surpreendentes também para os adultos: «Encontraram-no no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos aqueles que o ouviam ficavam maravilhados diante da sabedoria das suas respostas» (Lc 2, 46-47). Como a família de Nazaré, assim *cada família confia à sociedade, através dos seus filhos, a riqueza humana que ela mesma viveu*, inclusive a capacidade de amar o inimigo, de perdoar sem se vingar, de se alegrar com os sucessos do próximo, de doar mais de quanto se lhe pede...

Com efeito, também na família têm lugar divisões e rupturas, também nela nascem inimigos, e o inimigo pode ser o cônjuge, o pai, a mãe, o filho, o irmão ou a irmã... No entanto, na família as pessoas amam-

se, desejam sinceramente o bem umas das outras, sofrem quando alguém está mal, mesmo que se tenha comportado como um «inimigo»; rezam por quantos as ofendem; estão dispostas a renunciar aos próprios bens, contanto que isto torne feliz os outros; compreendem que a vida é boa, quando é despendida pelo bem deles.

*A família constitui a «célula primeira e vital da sociedade» (FC, 42), porque nela se aprende como é importante o vínculo com os outros. Na família sente-se que a força dos afectos não pode permanecer encerrada «entre nós», mas está destinada ao mais amplo horizonte da vida social. Se forem vividos somente no contexto do pequeno núcleo familiar, os afectos deterioram-se e, em vez de dilatar o alcance da família, acabam por sufocá-lo. O que torna vital a família é a abertura dos vínculos e a extensão dos afectos que, diversamente, encerram as pessoas em prisões mortificadoras!*

### **Família aberta à sociedade**

A conservação dos vínculos e dos afectos familiares é melhor garantida, quando a família é boa e generosa com as outras famílias, atenta às suas feridas, aos problemas dos seus filhos, por mais diferentes que sejam dos nossos.

Entre pais e filhos, entre marido e esposa, *o bem aumenta na medida em que a família se abre à sociedade*, prestando atenção e oferecendo ajuda às necessidades dos outros. Deste modo, a família adquire motivações importantes para desempenhar a sua função social, tornando-se fundamento e recurso principal da sociedade. A capacidade de amar adquirida ultrapassa com frequência a necessidade da própria família. O casal torna-se disponível para o serviço e a educação de outros jovens, além dos seus: também deste modo os pais se tornam pais e mães de muitos.

«Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus»: a perfeição que aproxima as famílias do Pai que está nos céus é aquele «suplemento» de vida oferecido para além do próprio núcleo familiar, um vestígio daquele amor superabundante que Deus derrama

sobre as suas criaturas.

Muitas famílias abrem a porta de casa à hospitalidade, cuidam do mal-estar e da pobreza do próximo, ou então simplesmente batem à porta ao lado, para perguntar se há necessidade de algo, oferecem algumas roupas ainda em boas condições, hospedam os companheiros de escola dos filhos para fazer os deveres escolares...

Ou ainda, acolhem uma criança que não tem família, ajudam a manter o calor familiar onde permaneceu somente o pai, ou apenas a mãe, associam-se para ajudar outras famílias nas numerosas dificuldades contemporâneas, ensinando aos filhos o auxílio recíproco em relação a quantos são diferentes por raça, língua, cultura e religião. Assim, *o mundo torna-se mais agradável e habitável* para todos, beneficiando a qualidade de vida em vantagem da sociedade inteira.

Não é por acaso que o texto evangélico, depois da exortação à perfeição, fala da esmola, que nos tempos antigos, numa economia de subsistência, era um modo para redistribuir os recursos, uma prática de justiça social. Jesus exorta a não procurar o reconhecimento dos outros, utilizando o pobre para adquirir prestígio, mas a agir secretamente. No segredo do coração, o encontro com Deus confirma a própria identidade de filho, tão semelhante ao Pai; uma meta alta, aparentemente inatingível, que contudo a vida em família torna mais próxima.

## **Escuta do magistério**

*A família oferece como dom à sociedade o precioso fruto do amor gratuito que se reveste de docilidade, de bondade, de serviço, de abnegação e de estima recíproca. Por outro lado, como demonstra o seguinte trecho da Familiaris Consortio, o ensinamento magisterial sempre desejou ressaltar como a família, além de ser a escola dos afectos, se conota inclusive como a «primeira escola de virtudes sociais». Efetivamente, ela possui uma dimensão pública específica e originária, que influi positivamente sobre o bom funcionamento da sociedade e sobre a estabilidade dos vínculos sociais.*

## O dever social da família

«A família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: saem, de facto, da família os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade.

Assim por força da sua natureza e vocação, longe de se fechar em si mesma, a família abre-se às outras famílias e à sociedade, assumindo a sua tarefa social. A mesma experiência de comunhão e de participação, que deve caracterizar a vida quotidiana da família, representa o seu primeiro e fundamental contributo à sociedade.

As relações entre os membros da comunidade familiar são inspiradas e guiadas pela lei da “gratuidade” que, respeitando e favorecendo em todos e em cada um a dignidade pessoal como único título de valor, se torna acolhimento cordial, encontro e diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, solidariedade profunda». [*Familiaris Consortio*, 42, 43]

## Perguntas para o casal

Quais são os valores que os nossos filhos aprendem do nosso modo de viver?

Que atenção presta a nossa família à vida social?

Que ajuda oferecemos aos pobres e aos necessitados?

## Perguntas para o grupo familiar e a comunidade

Quais são as necessidades mais urgentes na nossa comunidade?

O que podemos realizar a favor de quem se encontra em necessidade?

Que famílias podemos ajudar? Como?

# O SENHOR ESTÁ PRÓXIMO DAQUELES QUE TÊM O CORAÇÃO FERIDO

(Sl 34, 19)

Carta do Cardeal Arcebispo de Milão, Dionigi Tettamanzi, aos casais em situação de separação, divórcio e nova união.

## **Caríssimos irmãos e irmãs,**

Há muito tempo que cultivo o desejo de dirigir-me a vós de uma forma o mais directa e pessoal possível. Gostaria, na verdade, de pedir-vos autorização para entrar na vossa casa como um irmão e solicitar um pouco do vosso tempo. Faço-o agora com esta minha carta que pretende ser simples e familiar, quase ao jeito de pedido, para sentar-me ao vosso lado num diálogo que espero agradável e possa também continuar no tempo. Quantos de vós são crentes e se sentem pertencentes à Igreja e reconhecem no Bispo também um pai e um mestre. Sinto muito perto do meu coração, de mim Bispo, aqueles baptizados que porventura já não se consideram crentes ou que se sentem excluídos da grande comunidade dos discípulos do Senhor, por incompreensão ou desilusão. Queria, portanto, encontrar-me com uns e com outros, e com todos vós abrir um diálogo para partilhar brevemente as alegrias e os cansaços do nosso caminho comum; para sentir e escutar um pouco do vosso quotidiano; para deixar-me interpelar pelas vossas interrogações; para vos confiar os sentimentos e os desejos que sinto no meu coração diante de vós. Desta forma, lendo esta página, vós abris um pouco a porta da vossa casa e permitis que entre! Ao mesmo tempo, também eu, escrevendo estas páginas, me abro a vós no desejo de uma recíproca confiança.

## A Igreja está próxima de vós

Antes de mais quero dizer-vos que não nos podemos considerar reciprocamente estranhos: vós, para a Igreja e para mim Bispo, sois irmãs e irmãos amados e desejados. E este meu anseio de entrar em diálogo convosco reveste-se de um sincero afecto e da consciência de que em vós existem perguntas e sofrimentos que muitas vezes vos parecem negligenciadas ou ignoradas pela Igreja. Quero por isso dizer-vos que a comunidade cristã está atenta à vossa angústia humana. É certo que alguns de vós tiveram já uma experiência de alguma insensibilidade na relação com a realidade eclesial: ou porque não vos compreenderam nessa situação por si difícil e dolorosa; ou talvez porque não encontraram ninguém pronto para escutar e ajudar; outras vezes escutastes palavras que tiveram sabor a julgamento sem misericórdia ou de condenação sem apelo. Por isso, muitos de vós alimentaram a ideia de serem abandonados e excluídos. A primeira coisa que queria dizer-vos, sentando-me ao vosso lado, é isto: «A Igreja não vos esqueceu! Nem porventura vos exclui ou vos considera indignos». Vêm-me à mente as palavras de esperança do Papa João Paulo II dirigidas às famílias provenientes de todo o mundo por ocasião do seu Jubileu no ano 2000: «diante de tantas famílias desfeitas, a Igreja sente-se chamada a iluminar com a luz da palavra de Deus as chagas provocadas por tantos dramas, acompanhada do testemunho da sua misericórdia e não exprimindo juízos frios e distantes». Se porventura encontrastes no vosso caminho homens e mulheres da comunidade cristã que de alguma forma vos feriram com a sua atitude ou com as suas palavras, desejo dizer-vos quanto o lamento e confio a todos e cada um à misericórdia do Senhor. Enquanto cristãos sentimos por vós um afecto particular, como de pais que olham com atenção e dedicação para o filho que está em dificuldade e a sofrer, ou como o afecto dos irmãos que se fortalecem com maior delicadeza e profundidade, depois de por muito tempo terem sentido dificuldade em compreender-se e falar-se abertamente.



## A vossa ferida é também nossa

Queria agora ser capaz de escutar as vossas perguntas e as vossas reflexões. Também nós sabemos que o fim de uma relação de casal para a maior parte de vós não foi uma decisão tomada com facilidade, muito menos com ligeireza. Foi um passo que trouxe sofrimento à vossa vida, um facto que vos interrogou profundamente sobre o porquê da falência desse projecto no qual acreditastes e no qual investistes muitas das vossas energias. Certamente a decisão deste passo deixa feridas que demoram a cicatrizar. Talvez venham à mente dúvidas sobre a possibilidade de finalizar qualquer coisa de grande na qual se depositou forte esperança; inevitavelmente surge a pergunta sobre as eventuais responsabilidades; torna-se aguda a dor de sentir-se traído na confiança colocada no companheiro ou na companheira que se escolheu para toda a vida; fica-se preso a um sentido de insuficiência em relação aos filhos envolvidos num sofrimento no qual não têm responsabilidade. Conheço estas inquietações e asseguro-vos que exprimem uma dor e uma ferida que toca toda a comunidade eclesial. O finalizar de um matrimónio é também para a Igreja um motivo de sofrimento e fonte de grandes interrogações: porque razão o Senhor permite que se quebre aquele vínculo que é o 'grande sinal' do seu amor total, fiel e indestrutível? E como nós teríamos ou deveríamos talvez ter estado próximos destes esposos? Fizemos com eles um caminho de verdadeira preparação e de verdadeira compreensão do significado do pacto conjugal no qual se uniram reciprocamente? Acompanhamo-los com delicadeza e atenção no seu itinerário de casal e de família, antes e depois do matrimónio? Estas interrogações e esta dor, partilhamo-las convosco e tocam-nos profundamente porque dizem respeito a algo que nos está próximo: o amor, enquanto valor máximo na vida de todos e de cada um. Penso que, como esposos cristãos, podeis compreender em que medida tudo isto nos toca profundamente. Pedistes para celebrar o vosso pacto nupcial na comunidade cristã, vivendo-o como um sacramento, o grande sinal eficaz que torna presente no mundo o próprio amor de Deus. Um amor total, indestrutível, fiel e fecundo, como é o amor de Cristo por nós. E celebrando o vosso matrimónio, a comunidade cristã

reconheceu em vós esta nova realidade e invocou a graça de Deus para que este sinal permanecesse como luz e anúncio alegre para aqueles que vos encontram. Quando este laço se quebra, a Igreja encontra-se de alguma forma empobrecida, privada de um sinal luminoso que devia ser de alegria e de consolação. Por isso a Igreja não vos olha como estranhos que faltaram a um pacto mas sente-se participante dessa angústia e dessas interrogações que vos tocam tão intimamente. Podereis agora compreender, juntamente com os vossos sentimentos, também os nossos.

### **Perante a decisão de separar-se**

Queria agora colocar-me ao vosso lado e tentar pensar convosco sobre os vários passos e as muitas provações que vos conduziram à interrupção da vossa experiência conjugal. Posso só tentar imaginar que antes desta decisão experimentaste dias e dias de cansaço na vida de casal; nervosismos, impaciências e intolerância, desconfiança recíproca, por vezes falta de transparência, sentido de traição, desilusão perante uma pessoa que se revelou diferente de como era conhecida ao início. Estas experiências, quotidianas e repetidas, terminam com o tornar a casa não mais um lugar de afectos e de alegria mas uma pesada prisão que parece tirar a paz ao coração. Termina-se com o levantar da voz, talvez também com faltas de respeito, e achar impossível qualquer concórdia. E sente-se que não se pode mais continuar a vida juntos. Não, a decisão de interromper a vida matrimonial não pode em caso algum ser considerada uma decisão fácil e indolor! Quando dois esposos se separam, levam no coração uma ferida que marca, de uma maior ou menor forma, a sua vida, a dos seus filhos e de todos aqueles que os amam (pais, irmãos, parentes, amigos). A Igreja compreende também esta ferida. Também a Igreja sabe que em certos casos não é somente lícito mas até inevitável tomar a decisão de separar-se: para defender a dignidade da pessoa, para evitar traumas mais profundos, para garantir a grandeza do matrimónio, que não pode transformar-se num insustentável desfiar de asperezas recíprocas.

## Não à resignação

Diante de uma decisão tão séria é importante, porém, que não vençam a resignação e a vontade de fechar demasiado rapidamente esta página. A separação pode tornar-se, de outro modo, uma ocasião para olhar a vida conjugal com mais amplitude e talvez com mais serenidade. Não é oportuno – assim nos ensina um sábio da vida espiritual – tomar decisões definitivas quando a nossa alma está carregada de inquietações ou tribulações. Não está dito que tudo esteja perdido: existem porventura ainda energias para compreender o que aconteceu na própria vida de casal e de família; talvez ainda se possa desejar e escolher uma ajuda sábia e competente para recomeçar uma nova fase de vida em casal; ou talvez haja somente espaço para reconhecer honestamente as responsabilidades que comprometeram decisivamente esse pacto de amor e de dedicação inerente ao matrimónio. Existem sempre responsabilidades. E se muitas vezes as imputamos rapidamente ao ambiente, à sociedade, ao acaso, na verdade sabemos que também existem as nossas responsabilidades individuais. Ainda que não desejadas, ainda que sem maldade mas somente por superficialidade, existem gestos, palavras, hábitos e escolhas que pesaram e contribuíram para uma determinada fuga da vida a dois. Quantos esposos se encontram sós e sentem esta situação como uma grande injustiça: ‘eu não tive culpa! Eu não o quis! Eu fiz tudo o que era possível!’.

## A palavra da Cruz

Quantos, à luz da verdade, percebem que tiveram uma determinada responsabilidade, mesmo que grave, no dissipar do tesouro do próprio matrimónio. Queria fraternalmente pedir que acolhessem o apelo do amor misericordioso de Deus, que nos julga com verdade, que nos chama à conversão, que nos cura e salva com a proposta de uma vida nova. Reconhecer esta responsabilidade não significa viver num inútil e grave sentido de culpa. Quer dizer, por outro lado abrir a própria vida à liberdade e à novidade que o Senhor nos faz experi-

mentar quando, de todo o coração, nos dirigimos e regressamos ao seu amor. E tudo aquilo que ainda é possível ser feito para remediar as consequências negativas no que diz respeito à própria família, para mudar a própria vida... tudo isto deve ser feito com coragem e dedicação. Àqueles esposos que, por outro lado, sentiram a crise do seu matrimônio como uma grande injustiça, quero dizer que, enquanto cristãos, não podem esquecer a dolorosa mas vivificante palavra da cruz. A partir daquele terrível lugar de dor, de abandono e de injustiça o Senhor Jesus revelou a grandeza do seu amor como perdão gratuito e como oferta de si. Como Bispo, e primeiramente como cristão, não posso esquecer esta Palavra, sentindo contudo a necessidade de oferecê-la discretamente como uma palavra que, mesmo fazendo sangrar o coração e a vida, não está desprovida de fruto e de sentido. E mesmo se tendes de levar para cada celebração eucarística somente esse empenho de entender e de perdoar, na verdade tendes já um tesouro para oferecer, com Cristo, no memorial da Sua Cruz: o humilde abandono da vossa pobreza. Nas dolorosas páginas da vossa vida, as crianças são muitas vezes as protagonistas inocentes mas nem por isso menos implicadas. São-no também os filhos mais velhos que vêm desabar as suas certezas afectivas na idade da adolescência e muitas vezes pressentindo com mais dificuldade, no seu amanhã, a possibilidade de realização dos seus sonhos de um verdadeiro amor. Mas a esperança não desaparece: cada dia podemos ver à nossa volta exemplos heróicos de pais que, mesmo sós, fazem crescer e educam os seus filhos com amor, sabedoria e dedicação. Agradeço a estas mães e pais que nos dão um grande exemplo. Agradeço-lhes, admiro-os e espero que as nossas comunidades sejam um verdadeiro apoio para as suas eventuais necessidades. Ao mesmo tempo peço a todos os pais separados que não tornem ainda mais difícil a vida dos seus filhos, privando-os da presença e da justa estima do outro progenitor e da sua família de origem. Os filhos têm a necessidade e o direito, mesmo dentro dos mais recentes quadros legislativos, quer do pai quer da mãe em vez de inúteis vinganças, ciúmes e friezas. Tudo o que disse até aqui em relação às situações de separação, tem ainda maior validade para

quem fez a escolha, tantas vezes repentina e quase não pensada do divórcio, escolha esta seguida de uma nova união. Vale ainda para quem não esteve envolvido directamente num facto de separação ou divórcio, mas vive em situação de casal com uma pessoa separada ou divorciada. Ainda pensando nestas pessoas queria colocar-me uma última interrogação, que me está muito perto do coração e que desejo partilhar convosco com muita sinceridade.

### **Existe lugar para vós na Igreja?**

Que espaço existe, na Igreja, para os casais que vivem a separação, o divórcio ou uma nova união? Será verdade que a Igreja vos exclui para sempre da sua vida? Mesmo que a doutrina do Papa e dos Bispos seja clara e repetida muitas vezes, ainda se escuta este julgamento: ‘a Igreja excomungou os divorciados! A Igreja coloca fora da porta os esposos que se separaram!’ Este julgamento está de tal maneira enraizado que muitas vezes os próprios esposos em crise se distanciam da vida da comunidade cristã por medo de serem recusados e julgados dessa maneira. Quero permanecer fiel ao meu propósito de falar-vos com simplicidade fraterna e sem prolongar-me em demasia e assim vos proponho de novo o ponto decisivo desta reflexão que é a palavra de Jesus, à qual, como cristãos, devemos permanecer fiéis. Nesta palavra encontramos a resposta à nossa interrogação.

### **A palavra do Senhor sobre o matrimónio**

Jesus falou também do matrimónio e falou-nos como uma radicalidade tal que surpreendeu até mesmo os primeiros discípulos, muitos dos quais provavelmente eram casados. Jesus afirma que a união de esposos entre um homem e uma mulher é indissolúvel (cf. Mateus, 19, 1-12) porque nesta união de matrimónio se apresenta o projecto original de Deus sobre a humanidade, isto é o desejo de Deus de que o homem não fique só, mas que viva uma vida de co-

munhão duradoura e fiel. Esta é a própria vida de Deus que é Amor, um amor fiel, indissolúvel e fecundo de vida, que tem a sua imagem, como sinal luminoso, no amor recíproco entre um homem e uma mulher. E assim, afirma Jesus, «não são mais duas, mas uma só carne. Não separe o homem aquilo que Deus uniu,» (v. 6) A partir daquele dia a palavra de Jesus não pára de provocar-nos e de inquietar-nos. Já naquele momento os discípulos ficaram escandalizados pela perspectiva de Jesus, quase protestando que, se o matrimónio é um chamamento de tal maneira alto e exigente, talvez «não seja conveniente casar-se» (v. 10). Mas Jesus não nos deixa baixar os braços e dá-nos confiança: «quem pode compreender, compreenda» (v. 11), perceba que esta exigência não é feita para assustar, mas para demonstrar a grandeza do chamamento do ser humano, segundo o desígnio de Deus criador. Esta grandeza é exaltada depois quando a união conjugal é celebrada na Igreja como sacramento, sinal eficaz do amor esponsal que une Cristo à sua Igreja. Jesus não nos pede o impossível e oferece-se a si mesmo como caminho, verdade e vida do amor. A palavra de Jesus e o testemunho de como Ele viveu o seu amor por nós são a referência única e constante para a Igreja de todos os tempos. Esta Igreja que nunca se sentiu autorizada a desfazer uma união matrimonial sacramental celebrada validamente e expressa em plena e íntima união dos esposos, tornando-se desse modo ‘uma só carne’. Esta obediência à palavra de Jesus é a razão pela qual a Igreja considera impossível a celebração sacramental de um segundo matrimónio depois de se terem interrompido a primeira união esponsal.

### **Porquê abster-se da comunhão eucarística?**

É sempre a partir do sentido da palavra do Senhor que deriva a indicação da Igreja em relação à impossibilidade de aceder à comunhão eucarística por parte dos esposos que vivem estavelmente uma segunda união. Mas porquê? Porque na Eucaristia temos o sinal do amor esponsal indissolúvel de Cristo por nós; esse amor que vem objectivamente negado no ‘sinal contraditório’ dos esposos que termi-

naram uma experiência matrimonial e vivem uma segunda união. Compreendi, desta maneira, que a norma da Igreja não exprime um juízo sobre o valor afectivo e sobre a qualidade da relação que une os divorciados recasados. O facto de que estas relações sejam vividas, muitas vezes, com sentido de responsabilidade e com amor no casal e em relação aos filhos não é ignorada pela Igreja e pelos seus pastores. Não existe um juízo sobre as pessoas e sobre as suas vivências mas uma norma necessária pela razão de que estas novas uniões na sua realidade objectiva não podem exprimir o sinal do amor único, fiel e indiviso de Jesus pela Igreja. É claro que a norma que regula o acesso à comunhão eucarística não se refere aos cônjuges em crise ou simplesmente separados: segundo as devidas disposições espirituais, esses podem regularmente aproximar-se dos sacramentos da confissão e da comunhão eucarística. O mesmo pode dizer-se também daqueles que tiveram de suportar injustamente o divórcio, mas consideram o matrimónio celebrado religiosamente como único na vida e a esse querem permanecer fiéis. É todavia errado interpretar a norma que regula o acesso à comunhão eucarística, como se significasse que os cônjuges divorciados e recasados fossem excluídos de uma vida de fé e de caridade efectivamente vivida dentro da comunidade eclesial.

### **No coração da vida de fé sob o sinal da expectativa**

A vida cristã tem, na realidade, o seu vértice na participação plena na Eucaristia, mas não é redutível somente ao seu vértice. Como numa pirâmide, mesmo que privada do seu vértice, a massa sólida não cai, mas permanece. Poder participar plenamente na Eucaristia é certamente para os cristãos de singular importância e de grande significado, mas a riqueza da vida da comunidade eclesial, que é constituída de muitíssimas coisas partilhadas por todos, permanece à disposição também daqueles que não podem aproximar-se da santa Comunhão. A própria participação na celebração eucarística no Dia do Senhor, comporta antes de mais a escuta atenta da palavra de Deus e a invocação comunitária do Espírito para que nos torne

capazes de revivê-la com fidelidade na expectativa do Senhor que vem. Mais propriamente, em particular, é a expectativa da vinda do Senhor e do encontro definitivo com Ele que está no coração da fé cristã, como nos diz a Igreja na sua liturgia imediatamente antes da comunhão eucarística: «enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador». Ele na verdade já veio mas deve vir de novo e manifestar em plenitude a glória do seu reino de amor. E nós somos já filhos de Deus mas aquilo que realmente somos ainda não está manifestado em todo o seu esplendor. Peço-vos, por isso, que participeis com fé na celebração eucarística, mesmo que não possais aproximar-vos da comunhão: será para vós um estímulo para que intensifiquéis nos vossos corações a expectativa do Senhor que virá e o desejo de encontrá-lo pessoalmente com toda a riqueza e pobreza da nossa vida. Nunca esqueçamos: a Missa sempre contém pela sua natureza uma ‘comunhão espiritual’ que nos une ao Senhor e, Nele, nos une aos nossos irmãos e irmãs que se aproximam da Sua mesa. O Papa Bento XVI, numa recente carta, depois de ter reafirmado a não admissão dos divorciados recasados à comunhão eucarística, continuou dizendo que os mesmos ‘apesar da sua situação, continuam a pertencer à Igreja que os segue com particular atenção, no desejo que cultivem, quanto possível, um estilo de vida cristã através da participação na santa Missa - embora sem receber a Comunhão -, na escuta da Palavra de Deus, na Adoração Eucarística, na oração, na participação na vida comunitária, no diálogo confiante com um sacerdote ou um mestre de vida espiritual, na dedicação à caridade, nas obras de penitência, no empenho educativo dos filhos» (Sacramentum caritatis, n. 29). Peço-vos por isso, casais divorciados e recasados, que não vos afasteis da vida da fé de da vida da Igreja. Peço-vos que participeis na celebração eucarística no Dia do Senhor. Também a vós é dirigido o chamamento à novidade de vida que nos é dada pelo Espírito. Também à vossa disposição estão os muitos meios da Graça de Deus. Também de vós a Igreja espera uma presença activa e uma disponibilidade no serviço de quantos têm necessidade da vossa ajuda. E penso sobretudo na grande tarefa educativa que como pais muitos de vós sois chamados a desenvolver,



e, no estabelecer de relações positivas com as famílias de origem. Penso também no testemunho simples, ainda que difícil, de uma vida cristã fiel à oração e à caridade. Penso ainda como vós mesmos, a partir da vossa experiência concreta, podereis ser de grande ajuda aos outros irmãos e irmãs que atravessam momentos e situações parecidas com as vossas. Em particular, em relação a alguns de vós, repito o que escreveu João Paulo II: «é imperativo reconhecer também o valor do testemunho daqueles cônjuges que, mesmo tendo sido abandonados pelo outro cônjuge, com a força da fé e da esperança cristã não partiram para uma nova união: também estes cônjuges dão um autêntico testemunho de fidelidade, do qual o mundo de hoje tem grande necessidade. Por esse motivo devem ser encorajados e ajudados pelos pastores e pelos fiéis da Igreja» (Familiaris consortio, n. 20). Com todos vós, fazendo minhas as palavras dos Bispos da Igreja da Lombardia, peço ao Espírito Santo «que nos inspire gestos e sinais proféticos que tornem claro a todos que ninguém está excluído da misericórdia de Deus, que nunca ninguém é abandonado por Deus, mas sempre procurado e amado. A consciência de ser amado torna possível o impossível» (Carta às famílias, n. 28).

### **O Senhor, que está no meio de nós, está próximo de vós**

Concluo esta minha carta, na qual procurei colocar o meu coração próximo do vosso, caríssimos esposos que atravessais situações difíceis, de crise, de separação ou que vos recasastes civilmente depois do divórcio. Não tenho a pretensão de compreender tudo aquilo que está no vosso coração, nem de ter dado resposta às muitas interrogações que teríeis para colocar! No entanto, creio que iniciámos um diálogo em que nos podemos compreender com mais amor e verdade recíprocos. Espero que seja um diálogo que continue, com a simplicidade e o amor que me guiaram para escrever esta carta. Um canal privilegiado poderá ser o diálogo com os vossos sacerdotes. Convido-vos a que os procureis, a que dialogueis com eles, a que confieis neles. Para alguns de vós talvez não seja fácil reconstruir uma relação serena com a Igreja senão depois de falardes com toda

a liberdade e sinceridade com um sacerdote da vossa confiança. Não peçais aos sacerdotes que vos indiquem soluções fáceis ou escapatórias superficiais. Procurai nos vossos padres os irmãos que vos ajudam a compreender e a viver com simplicidade e fé a vontade de Deus: convosco saibam escutar a palavra de Deus, que é exigente mas sempre vivificante; que vos ajudem a prosseguir, também nestes momentos, em comunhão com a Igreja. Sempre numa perspectiva de diálogo, desejo-vos de coração que encontreis também casais e famílias cristãs que, cheias de humanidade e de fé, vos saibam acolher, escutar e caminhar convosco na estrada que todos somos chamados e percorrer na vida: a estrada do amor por Deus e pelo próximo. Agradeço-vos por me terdes acolhido realmente em vossa casa. Rezo convosco ao Senhor para que nos dê sempre a possibilidade de, juntos como irmãos e irmãs, experimentarmos a certeza consoladora e fortalecedora de que: «o Senhor está próximo daqueles que têm o coração ferido» (Salmo 34, 19) e de que o seu amor está sempre no meio de nós!

† Dionigi card. Tettamanzi

Arcebispo de Milão Milão, Epifania do Senhor 2008

*Tradução Pastoral Familiar - Braga*



## Índice

Nota de apresentação . . . . .	5
A FORÇA DA FAMÍLIA EM TEMPOS DE CRISE. . . . .	9
A FAMÍLIA ANIMA A SOCIEDADE. . . . .	17
O SENHOR ESTÁ PRÓXIMO DAQUELES QUE TÊM O CORAÇÃO FERIDO . . . . .	23



